



Richard Morse e América Latina: circulação de conhecimentos, saberes múltiplos e a história cultural urbana (1960-1970)

Richard Morse and Latin America: Circulation
of Ideas, Multiple Knowledge and Urban Cultural
History (1960-1970)

ANA CLAUDIA VEIGA DE CASTRO
Universidade de São Paulo, Brasil
anacvcastro@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-9922-9806>

Resumo: Pode-se afirmar que Richard Morse (1922-2001) dedicou sua carreira ao estudo das cidades latino-americanas. Desde sua tese de doutorado sobre a história da cidade de São Paulo defendida em Columbia em 1952 – e publicada em inglês em 1958 como *From Community to Metrópolis: A Biography of São Paulo*–, o norte-americano escreveu artigos e organizou balanços sobre temas urbanos. Nessa trajetória, iniciada em Princeton no final dos anos 1940 e que alcançou seu auge em Yale na década de 1970, Morse produziu ensaios importantes e atuou em diversas frentes animando o debate sobre as cidades na América Latina e, mais que isso, contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. Nesse artigo, exploramos os saberes mobilizados pelo norte-americano nos seus textos das décadas de 1960 e 1970, recuperando referências e iluminando sua perspectiva, que hoje chamaríamos de história cultural urbana.

Palavras-chave: Richard Morse; História urbana; América Latina

Abstract: It can be said that Richard Morse (1922-2001) dedicated his career to the study of Latin American cities. Since his 1952 PhD thesis at Columbia, about the history of the city of São Paulo –published in English in 1958 as *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo*–, he wrote articles and organized balances on urban themes. In this trajectory,

begun in Princeton in the late 1940s and reaching its peak at Yale in the 1970s, Morse had important partnerships and produced relevant essays. He contributed to animate the debate about the Latin American cities, and more than that, to the consolidation of a field of studies. This paper explores the knowledge mobilized by the American historian in his texts of the 1960s and 1970s, recovering references and illuminating his perspective, which we would call Urban Cultural History.

Keywords: Richard Morse; Urban History; Latin America

É a diferença entre as culturas que torna um encontro fecundo.
Claude Lévi-Strauss, *De perto e de longe*, 1988

Richard Morse (1922-2001) dedicou boa parte de sua trajetória ao estudo da história das cidades latino-americanas. Sua grande preocupação, se é possível resumi-la, foi a relação entre as cidades e a cultura. Tendo se formado em Princeton em 1947, desde os tempos de sua graduação o historiador adquiriu um profundo respeito e admiração pela cultura ibero-americana, aproximando-se de professores preocupados com temas afins e realizando numerosas viagens à América Latina. Pode-se dizer que foi por meio do estudo de suas cidades –uma delas em profundidade: São Paulo– que Morse desenvolveu uma perspectiva de análise do mundo urbano que ainda hoje parece ter interesse: a história cultural urbana.

Na metade do século 20, mais precisamente durante a II Guerra, com a Europa interdita aos jovens que buscavam nas viagens ao Velho Mundo uma forma de complementar sua formação, novos horizontes se avizinharam, coincidentes com a Política de Boa Vizinhança que oferecia bolsas e financiamentos aos alunos norte-americanos que se dispusessem a pesquisar temas ligados à América Latina (Rock 1994; Almeida 2002). Morse foi um entre muitos outros universitários que se valeu dessas possibilidades, viajando ainda na década de 1940 a Cuba, Chile, Argentina e México, passando ainda por algumas cidades de outros países, como São Paulo (Brasil), Cidade do Panamá, Barranquilla (Colômbia), Guayaquil (Equador), Lima (Peru), Antofagasta e Valparaíso (Chile), durante escalas das viagens feitas de navio pela costa americana (Morse 1990, 137-61).

Suas impressões sobre Cuba são reveladoras do impacto que aquele território em tudo desconhecido lhe causou. O contraste da América branca e puritana dos subúrbios, de onde Morse provinha, com o Caribe negro e sincrético, da universidade de elite norte-americana para a *calle* cubana, traduziu-se imediatamente em fascínio pela afetividade espontânea daquele povo marcado por tradições africanas ancestrais mescladas com a cultura ibérico-católica. O exotismo da situação vivida na juventude transparece num depoimento que o historiador daria muitos anos depois, em uma espécie de balanço da sua trajetória:

Cuba foi uma revolução na minha cabeça. Estar lá era como conhecer outro planeta! Tudo nessa viagem me afetou e foi uma experiência tão profunda que jamais esqueço o impacto

causado pelas coisas... Havia cor, cheiros, barulhos. [...] *Não havia lição na Universidade, livros ou cursos que valessem aquela imersão cultural...* Fiquei perplexo comparando Cuba com os Estados Unidos: lá aquele calor humano, a expressão da vida e aqui a neutralidade, o formalismo, a distância das pessoas, sempre tão discretas e sóbrias... Em Cuba o exagero emocional, nos Estados Unidos a racionalidade premeditada (Morse 1990, 141; grifo meu).

Tendo sido aluno de Américo de Castro (1885-1972) e de Augusto Centeno (1901-?) em Princeton, dois importantes hispanistas,¹ mas, sobretudo, sendo orientado em Columbia (Nova York) pelo antropólogo autodidata Frank Tannenbaum (1893-1969),² Morse se envolveu cada vez mais com a América Latina, mergulhando nos debates contemporâneos sobre o desenvolvimento daquela parte do globo. Como possível aliada dos Estados Unidos, a América Latina havia sido incorporada naqueles anos em uma pretensa parceria democrática que, por consequência, buscava também definir seu papel econômico no sistema mundial. Não à toa o termo “América Latina”, utilizado em meio a algumas variações (como América Hispânica ou Indo-América) desde o século 19, passa a ser corrente a partir da segunda metade do século 20, com a criação de agências de cooperação, planejamento e desenvolvimento –como a Organização para os Estados Americanos (OEA) e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), ambas surgidas em 1948–, demonstrando o interesse não apenas norte-americano, mas também europeu sobre aquele amplo território (Almandoz 2005, 231-59).

Morse se aproxima cada vez mais desse novo mundo, buscando decifrá-lo, interpretá-lo e, mais que tudo, dar a ele um lugar particular na história ocidental. Tendo escolhido a cidade de São Paulo como objeto de estudo para a sua tese de doutorado, após a sua conclusão, Morse se interessaria pouco por outros “casos” particulares, buscando compreender tendências e processos mais gerais que lhe permitiram ver a América Latina como uma outra via do desenvolvimento capitalista ocidental –perspectiva que aparece de maneira oblíqua na própria tese.³

¹ Professores do Departamento de Língua e Literatura Românicas de Princeton seriam invocados por Morse como sendo os responsáveis por introduzi-lo na grande tradição da cultura ibérica, por apresentar-lhe autores clássicos e modernos e por lhe despertar a curiosidade para temas até então quase desconhecidos, por meio de cursos que teriam sido –como ele definiu– uma “janela que se abria para um novo mundo” (Morse 1990, 143).

² O renomado latino-americanista, intelectual autodidata, foi criador e coordenador por mais de vinte anos dos *Latin American Seminars* em Columbia, contribuindo para a criação do *Institute of Latin American Studies* (ILAS). Ultrapassando largamente o âmbito das discussões acadêmicas, os encontros avançavam em questões e temas das conjunturas nacional e internacional, fazendo com que os alunos pudessem ter contato não apenas com acadêmicos, mas com intelectuais diplomatas, políticos, literatos, jornalistas e até empresários, que apresentavam suas visões de mundo em rodadas semanais de debate. Morse participaria ativamente dos encontros, sendo ele mesmo um dos palestrantes em 1954. Columbia University, Rare Books & Manuscript Library, Frank Tannenbaum Papers, Box 20; Maier & Weatherhead (1974).

³ Apresentada em Columbia em 1952, a tese “São Paulo: City under the Empire (1822-1889)” percorre a história urbana de São Paulo do início do século 19 até a proclamação da República, em 1889 (Morse 1952). Dois anos depois, o texto é traduzido e ampliado com um novo capítulo que incorpora os anos republicanos até a década de 1920, sendo publicado em português como *De comunidade à*

Concentrando-se desde então no estudo do mundo urbano latino-americano, Morse passa a publicar artigos e ensaios que se pretendiam balanços e estados da arte, bem como resenhas e revisões sobre a urbanização do subcontinente e sua historiografia, em busca de formular uma teoria sobre a América Latina, num momento em que as cidades passavam a ser foco maior de interesse entre intelectuais, governos e especialistas (Gorelik 2005).⁴

Este artigo dá atenção aos textos de maturidade de Richard Morse, produzidos quando ele era professor de História da América Latina em Yale (New Haven), buscando apontar a relação dos mesmos com sua tese de doutorado sobre São Paulo, para iluminar a circulação de conhecimentos e os múltiplos saberes mobilizados que lhe permitiram propor uma história cultural urbana do subcontinente.⁵ Ao se tornar professor associado do Departamento de História daquela Universidade em 1962, Morse passa a falar de um lugar privilegiado, desenvolvendo sua particular perspectiva de entendimento das cidades no subcontinente na contramão da especialização prevista nos “estudos de área” que então se firmavam (Almeida 2011). É essa perspectiva de análise que aqui se quer discutir, sem evidentemente pretender esgotar a questão. Vale dizer que a obra de Richard Morse vem sendo lida hoje com interesse renovado, justamente no reconhecimento dessa perspectiva particular de compreensão da modernização latino-americana –desenvolvida a meu juízo desde a década de 1940, apoiada nas relações entre cidade e cultura–, e que daria numerosos frutos ao longo de sua carreira, fazendo de Morse, nas palavras do ensaísta mexicano Enrique Krauze, “um irmão americano de Walter Benjamin” (Krauze 2014, 24).⁶

metrópole: a biografia de São Paulo, nas comemorações do IV Centenário de fundação da cidade (Morse 1954b). É publicado em inglês quatro anos depois como *From community to metropolis: a biography of São Paulo, Brazil*, com um novo capítulo introdutório, intitulado “Antecedents”, incorporando os anos coloniais (Morse 1958). Em 1970, o texto é reeditado em português, com novos acréscimos e outro título: *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole* (Morse 1970). Para uma análise detida dessa obra, ver Castro (2013b).

⁴ Vale notar que nas décadas de 1950 e 1960 seriam criados na América Latina diversos institutos e centros de investigação para abrigar tais interesses, como a *Sociedad Interamericana de Planificación* (SIAP, 1957) em Porto Rico; *Centro de Estudios para el Desarrollo* (CENDES, 1961) na Venezuela; *Instituto de Planificación Regional y Urbana del Litoral* (IPRUL, 1962) na Argentina; *Centro de Estudios Peruanos* (CEP, 1964); *Centro Interdisciplinario del Desarrollo* (CIDU, 1965) no Chile; e dentro do *Consejo Latinoamericano de Desarrollo Urbano y Regional* (CLACSO) uma Comisión de *Desarrollo Urbano y Regional* (CDUyR, 1967) no Chile (Jajamovich 2015; Monti 2016).

⁵ O que, de certa maneira, Morse finalmente realiza ao publicar num volume organizado por Leslie Bethell (1937-) da *The Cambridge History of Latin America* o extenso ensaio “The multiverse of Latin American Identity (1920-1970)” (Morse 2011, 19-158). Ver a respeito dessa empreitada: Bethell 2010, 47-68.

⁶ Em seu recente livro *El Pueblo soy yo*, Krauze parte da obra de Morse para lançar um olhar para as relações entre poder e território na América Latina, dedicando-lhe o primeiro capítulo, “El código Morse”, no qual afirma de saída que “Morse não era um acadêmico comum, mas um pensador, a maneira de Unamuno ou Ortega y Gasset, cuja paixão foi a cultura iberoamericana” (2014: 24). Krauze reconstitui brevemente a trajetória e o pensamento morseano para destacar a perspectiva particular de compreensão da América Latina (e, por consequência, da América do Norte, ou dos Estados Unidos) desde a qual o mexicano organiza seus próprios ensaios, ora concordando, ora rebatendo os caminhos indicados pelo intelectual norte-americano (Krauze 2014).

O pressuposto que subjaz nas obras de Morse dedicadas às cidades –que o historiador formaliza ainda na década de 1950, como já notado por um pesquisador interessado nas cidades latino-americanas (Gorelik 2002, 41-8)–, e que será rearticulado a cada novo texto publicado ao longo de sua trajetória, parte da constatação de que a cidade latino-americana seria “artificial”. Formulada inicialmente como um comentário à mesa “Expansão urbana na América Latina durante o século 19”, em uma reunião da *American Historical Association* em 1956, a ideia é sistematizada em um texto publicado no ano seguinte. Nesse pequeno ensaio, “La ciudad artificial” (Morse 1957), o historiador também já indica a necessidade de se escrever uma história cultural urbana do subcontinente para que se pudesse compreendê-lo em seus próprios termos, ou seja, em suas especificidades, e não como um desvio da “civilização ocidental” –ideia que alimentava parte da crítica corrente, que via na origem ibérico-católica (distante da “ética protestante do capitalismo”) os impeditivos do desenvolvimento e da modernização daquele subcontinente (Bielsholwsky 1995; Bresser-Pereira 2010).

Partindo da ideia de uma “artificialidade” constitutiva, verificada no fato de que a cidade se formara no vasto e desconhecido território americano à imagem e semelhança de uma distante burocracia metropolitana, tornando-se posto avançado para o assalto às riquezas do interior do continente, Morse apresentava o que ele chamou então de “paradoxo”. Se na América a cidade dominava e modelava o campo com seus pontos de vista, o papel de exploração territorial que a cidade desempenhava reintroduziria nela mesma traços rurais e pré-metropolitanos (Morse 1957).

De seu ponto de vista, isso indicava que não se a estudasse apenas através de trabalhos científicos, demandando-se a incorporação de outras vozes, notadamente a dos literatos e dos artistas –mais aptos que os cientistas sociais a “traduzi-la” por meio de suas obras artísticas.⁷ Já em sua história de São Paulo o historiador afirmara:

O artista é com frequência o símbolo mais satisfatório para captar e refletir os processos vivos de uma sociedade. [...]. O artista é a um tempo, mais capaz de compartilhar-se e envolver-se, e de ser mais objetivo do que seus semelhantes (Morse 1954b, 87).

A lição, aprendida com Tannenbaum, havia lhe servido como perspectiva de análise para São Paulo também porque encontrara na capital paulista um solo fértil para se

⁷ Morse condenava que se aplicassem teorias pensadas para explicar o desenvolvimento das cidades na Europa para as cidades na América Latina, na medida em que não via o desenvolvimento latino-americano como estando em uma etapa anterior (atrasada) em relação ao desenvolvimento das cidades dos países centrais, mas sim como parte de um outro caminho de urbanização que não o do “renascimento das cidades” ao final da Idade Média. Morse retoma os estudos de Henri Pirenne, em seu clássico *Les villes au Moyen Age* (1927), considerando que esse caminho de desenvolvimento urbano não se aplicava às cidades do novo mundo. Ainda que os estudos de Pirenne a essa altura já tivessem sido revistos, matizando-se a via de mão única que ligava o desenvolvimento das cidades ao desenvolvimento do comércio, Morse o retoma por verificar naquele autor a criação de uma “ideia-força”.

desenvolver, em contato com intelectuais brasileiros, notadamente o crítico literário Antonio Candido (1918-2017) (Castro 2017). Com Morse, a história daquela velha cidade colonial que se transformara na principal cidade industrial latino-americana fora compreendida entre dois polos literários: Romantismo e Modernismo, e os escritores Álvares de Azevedo (1831-1852) e Mario de Andrade (1893-1945), vozes fundamentais daqueles movimentos literários, tomados como portas de acesso potentes para o passado (Morse 1954b). Justamente porque suas obras não “descreviam” a vida social, mas a plasmavam na própria forma artística, captando elementos do mundo social numa espécie de transfiguração artística do real. Ao historiador cabia explorar os nexos entre a forma literária e a estrutura social, como defende em artigo publicado ainda durante a pesquisa realizada em São Paulo (Morse 1949).

Desse modo, se sua tese sobre a capital paulista –publicada em 1954 como *De comunidade à metrópole*– explicitava já no título a passagem da comunidade à sociedade, em diálogo com os chamados “estudos de comunidade” levados adiante pelos sociólogos de Chicago,⁸ ecoando um certo caminho da urbanização ocidental, ela foi também o primeiro trabalho no qual Morse ensaiou escrever uma história cultural urbana, tomando a literatura de ficção como baliza importante para sua abordagem do mundo urbano na América Latina, permitindo ver a urbanização desse subcontinente em outros termos.

PENSAR A AMÉRICA LATINA A PARTIR DA CULTURA

Após concluir seu doutorado, Morse dá aulas em Columbia, passa pela Universidade de Nova York e por Harvard (como professor visitante), em seguida, pela Universidade de Porto Rico, e, finalmente, fixa-se em Yale em 1962. É a partir deste posto, no qual permanece por 17 anos, que ele se torna um nome cada vez mais presente no debate sobre as cidades latino-americanas. Durante esse período Richard Morse publicou cerca de 40 textos, entre artigos para revistas, capítulos e apresentações de livros, sem contar as numerosas resenhas que também escreveu, a maioria deles sobre os problemas urbanos da América Latina.

Vista sempre em perspectiva histórica, a questão urbana é debatida por Morse não apenas com os historiadores que estudavam a história das cidades, mas também com os sociólogos, planejadores urbanos, arquitetos e economistas, que, em suas análises sobre a situação contemporânea, dividiam-se entre as propostas desenvolvimentistas e as críticas apoiadas na teoria da dependência.⁹ Os textos escritos nesses anos podem

⁸ Notadamente com a teoria do *continuum* folk-urbano de Robert Redfield (1941), que Morse já contrapõe nesse trabalho aos estudos de Oscar Lewis (1952), vendo na história de São Paulo um caminho menos linear, no qual características da comunidade se mantinham na metrópole moderna (Morse 1954b, 217-247).

⁹ Para um panorama dessas teorias, ver Bresser-Pereira 2010. Para uma visão sobre a atuação dos arquitetos e urbanistas no continente, ver Sambrício 2012.

revelar o caminho intelectual de Morse, seus principais interlocutores e parceiros, mas sobretudo evidenciam o desenvolvimento daquelas ideias que começaram a se desenharem na década anterior e que se tornarão um norte recorrentemente perseguido.

Dois artigos publicados em 1962 são paradigmáticos desse caminho: “Latin American Cities: Aspects of Function and Structure” (Morse 1962a) e “Some Characteristics of Latin American Urban History” (Morse 1962b). Ambos retomam de modo explícito as ideias esboçadas em “La ciudad artificial”, buscando avançar na compreensão da relação entre o papel da cidade na colonização do Novo Mundo e as características da moderna metrópole latino-americana.¹⁰ Em ambos, a pesquisa histórica, menos que reconstruir aquele período, tinha como intuito sustentar uma teorização sobre o papel das cidades na compreensão da própria América Latina, de modo a esclarecer a relação entre as suas cidades, os assentamentos no território e as formas de produção econômica. O diálogo com a história aparece, portanto, ao lado da vontade de entender e discutir os sentidos da cidade contemporânea.¹¹

Um exemplo dessa leitura é sua abordagem sobre o “compadrazgo” e outros sistemas de família estendida, que tendo se revigorado “nas Américas no momento mesmo em que estavam dando lugar, no início da era moderna na Europa, a ‘modos mais impessoais de organização’ do Estado-nação e da sociedade industrial” (Morse 2017: 130), era comumente visto como fator de impedimento da “modernização” –haja vista todas as análises dos males do patrimonialismo em nossas sociedades, apoiadas na teoria weberiana. Para Morse, entretanto, não se trataria de condenar a manutenção de tais estruturas, mas de percebê-las em suas formas contemporâneas para entender a forma própria da modernização latino-americana, que não as prescindiria, podendo mesmo serem vistas em sua permanência como antídotos a males das sociedades modernas centrais, como a competição desenfreada, a despersonalização social, a anomia. Mobilizando vasta bibliografia e arriscando exemplos de todo o subcontinente, do México à Argentina, o norte-americano constrói um panorama histórico ampliado para fazer certas generalizações e fornecer ao leitor elementos que o permitam concordar com o raciocínio ali exposto.

Ao mesmo tempo, Morse debate com a literatura contemporânea de corte sociológico que vinha buscando “explicar” o fenômeno da urbanização intensa vivido pelas cidades latino-americanas no segundo pós-Guerra. Em artigo publicado em 1965,

¹⁰ A expressão “artificial” havia sido retirada de Jorge Basadre (1903-1980) em sua obra *La multitud, la ciudad y el campo en la historia del Peru* (Lima, 1929). Diz Morse: “A cidade americana parece “artificial”, para usar o termo de Basadre, na medida em que ela parecia ser algo mais do que um posto militar, administrativo ou missionário. Pois uma cidade do Novo Mundo foi estabelecida em um vasto continente onde as rotas comerciais regionais não alcançariam características permanentes por gerações, nem mesmo séculos” (Morse 2017, 114).

¹¹ Pode-se dizer que essa ideia já animara Morse a escrever sua tese, quando lemos o que o motivou a estudar São Paulo foi a vontade de compreender a originalidade do processo urbano de uma cidade que “brotou do sol”, mas que “era também muito velha”, dupla perspectiva que o intrigava, levando-o a querer “explicar se [São Paulo] era uma ‘Chicago da América do Sul’ ou um outro gênero urbano desconhecido” (Morse 1990, 150).

“Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary”, escrito para a *Conference on International and Comparative Urban Studies in American Higher Education*, ocorrida na Rutgers University (em New Jersey), o historiador apresenta um extenso e detalhado balanço dos estudos urbanos latino-americanos daqueles anos (Morse 1965). Reconhecendo com ironia que esta talvez fosse uma tarefa para “um time de especialistas”, Morse se propunha a estabelecer um panorama dos aspectos da urbanização latino-americana, “intercalados de comentários e um pouco de opinião” (Morse 1965, 35). Dividindo seu texto em oito partes,¹² iniciava pelo que chamou de “Antecedentes”, um retorno à história colonial, afirmando que

[...] se a lógica de uma ordem mais antiga sobreviveu como princípio organizador nesse período de expansão demográfica e econômica, e de mais amplo contato com o mundo, bem se pode esperar que sobreviva ainda hoje em dia. Isso nos levaria para ver a cidade moderna da América Latina menos como uma sociedade urbana “em mudança” (ou seja, revolução, autotranscendência, obliteração do passado) que uma sociedade com os apetrechos e os clamores da civilização ocidental industrial se estão acomodando a uma ordem de vida ibero-católica, *criolla*, patrimonial (Morse 1965, 41).¹³

Morse amplia argumentos esboçados nos textos anteriores, indicando dois caminhos possíveis para se compreender a cidade latino-americana. Um, que a via como resultado da repetição das etapas da urbanização europeia —em certo sentido, a visão daqueles que viam os países da América Latina como subdesenvolvidos—, perspectiva que começava a ser posta em xeque nos anos 1960 (Bielshowsky 1995; Gorelik 2008). E outro, que pretendia ver na urbanização latino-americana um processo particular, que demandaria esforços de entendimento distintos, como os que ele próprio buscava construir. Em suas palavras:

Pode-se considerar o êxodo rural da América Latina e o crescimento urbano do século 20 como parte de um movimento que começou na Europa durante o século 19 e que já atingiu proporções globais. *Ou, pode-se colocar o fenômeno em perspectiva histórico-cultural [...].* Os padrões de assentamento rural que há muito tempo haviam sido criados, agora colocam seu selo no processo pelo qual milhões estão se movendo e se reagrupando em todas as partes do território (Morse 1965, 41; grifo meu).

O historiador defende ainda que só a partir do reconhecimento das características históricas e contemporâneas locais e da compreensão de sua relação com a

¹² “Antecedentes”; “Crescimento urbano recente e o papel da migração”; “Expansão do setor de serviços”; “A cidade primaz”; “Assentamentos ‘marginais’”; “Grupos ‘marginais’ e o coração da cidade”; “Bases sociais para o planejamento urbano”; “O horizonte regional”.

¹³ O raciocínio era confrontado com um estudo recente da Cepal (“*El desarrollo de América Latina en la post-guerra*”, 1963), no qual se afirmava que a “estrutura tradicional” da América Latina, longe de ter sido rígida e impenetrável, teve a porosidade suficiente para modernizar boa parte de seus elementos sem alcançar entretanto uma duradoura, rápida e radical modernização”. E, em nota, Morse remetia ao seu ensaio “*The Heritage of Latin America*” (Morse 1964, 123-77), que ele publicara num livro organizado por Louis Hartz (1919-1986).

sua região é que a metrópole latino-americana poderia verdadeiramente se desenvolver:

A emancipação política submeteu a América Latina às novas influências “coloniais”: artísticas, intelectuais e outras. As estratégias atuais de “desenvolvimento” não podem se fixar nem formar uma imagem enquanto ainda são rotineiros exercícios de solução de problemas. Também precisam ser equipadas de um estilo, segurança e coesão que só um regionalismo desafiador (que é distinto do provincianismo) de uma grande metrópole lhes pode dar (Morse 1965, 41).

Morse revisava ali os estudos que mostravam como o fluxo de pessoas em direção às grandes cidades naqueles anos não era compatível com as novas oportunidades de emprego urbano estável, especialmente o industrial. E como não havia habitação para absorver essa população, nem por iniciativa estatal nem por iniciativa privada, esse contingente se via forçado a construir sua própria casa. Com isso, a cidade resultante seria “deficiente no regime de organização impessoal, associação voluntária e serviços administrativos” (Morse 1965, 42), temas comumente requeridos para a formação do *ethos* ocidental moderno. Mas aqui, ao invés de condenar essa forma de urbanização, vista pelos cientistas sociais como “atrasada”, Morse buscava compreendê-la em seus termos próprios. Onde todos pareciam ver fragilidade, Morse previu vigor, vendo na reintrodução de padrões rurais no mundo urbano uma outra forma de modernização, distante do “padrão” ocidental, mas potente em termos “humanos”.

Seguindo o raciocínio, Morse dizia haver duas formas de se compreender os próprios “bairros marginais” –ou a “periferia”, palavra que começava a ser utilizada nesses estudos– que, com seu avanço “sobre a cidade”, em poucos anos se transformaria no conceito mais utilizado na compreensão da urbanização latino-americana. A primeira delas, negativa, que os viam como sinônimo de “cortiços, áreas arruinadas, cinturões de miséria, incubadores de doenças, crime, locais de desorganização social e de desordem da personalidade”. Ou, tomados como “enclaves semi-rurais”, nesse segundo modo de compreender o fenômeno, positivos, tais “bairros” eventualmente tornariam

possível novas possibilidades para a reconstrução urbana social com base nas unidades de vizinhança, nos laços regionais e de parentesco, nas associações de ajuda mútua e nas pequenas unidades de atividade política (Morse 1965, 51).

Se o artigo dialogava com os escritos mais recentes sobre as formas de urbanização na América Latina, coincidente com uma perspectiva de crítica à arquitetura moderna que iria, em seguida, contribuir para a sua condenação, é importante perceber que essa perspectiva já havia aparecido de maneira sutil em sua tese sobre São Paulo, na discussão sobre a construção dos grandes conjuntos habitacionais como forma de combater as habitações precárias, notadamente os cortiços das áreas centrais da capital paulista. Naquela altura, contrapondo-se a Robert Redfield (1897-1958) e se apoiando sobretudo nos estudos de Oscar Lewis (1914-1970), Morse defendera ser o cortiço detentor,

ainda que como “forma degenerada, [de] certos aspectos de ‘vizinhança’ pré-industrial e suas relações face-a-face”, algo que, de seu ponto de vista, era necessário preservar naquela nova metrópole industrial, levando-se em conta no planejamento urbano da cidade (Morse 1954b, 236-9).

No início da década de 1950, quando Morse fizera tal afirmação, poder-se-ia acusá-lo de algum romantismo¹⁴ –pois os grandes conjuntos modernos, naquela altura, eram vistos como a grande esperança de provisão habitacional digna em toda a América Latina, frente à precariedade dos cortiços (Sambrício 2012). Mas essa visão paulatinamente passa a ser compartilhada por aqueles que começavam a criticar as cidades (e a arquitetura) modernas, com seus imensos conjuntos padronizados, cujos efeitos deletérios para a coesão social tornavam-se cada vez mais visíveis também nos países centrais, na medida em que tais edifícios foram sendo construídos em periferias distantes, isolando grupos e os marginalizando do ponto de vista espacial.

Em 1971, o autor escreve uma espécie de “continuação” do balanço de 1965, desenvolvendo certos pontos e buscando apontar algumas conclusões. Publicado em duas partes na *Latin American Research Review*, o ensaio “Trends and Issues in Latin American Research” alertava de saída que o volume de material que aparecera sobre o tema naqueles últimos cinco anos impedia o aprofundamento desejado (Morse 1971a; Morse 1971b). Richard Morse buscou uma vez mais esclarecer certos antecedentes coloniais, mas, desta vez, concentrando-se na América espanhola. Afirmava não aspirar “tipologizar” e sim identificar estratégias de análise pertinentes para a diversa experiência urbana latino-americana, verificando contrastes e paralelismos entre o Velho e o Novo Mundo (Morse 1971a, 4).

O historiador defende nesse texto que o exame do desenvolvimento urbano latino-americano deveria enfrentar a história urbana da Europa ocidental não apenas porque a fundação e o crescimento das cidades na América Latina recapitulava certos fragmentos daquela experiência, mas também porque ela gerara uma teoria urbana clássica, referindo-se novamente a Henri Pirenne, de onde, de seu ponto de vista, todas as explicações teriam partido (Morse 1971a, 3). Em seguida, dedicava-se à compreensão de uma das principais características das grandes cidades latino-americanas –o agigantamento do setor terciário– que por si só mostrava como o processo de industrialização não conseguia absorver os fluxos populacionais e, logo, que o padrão de desenvolvimento dessas cidades não estava a repetir o padrão dos países centrais. Essa era então a principal propriedade que definiria a urbanização latino-americana: o crescimento do setor de serviços “informais”.

Morse dialogava com autores como o jovem sociólogo espanhol Manuel Castells (1942-), que, àquela altura, estava organizando o hoje clássico *Imperialismo y urbanización en América Latina* (Castells 1972), e com diversos intelectuais marxistas que passaram a ser as grandes referências para o entendimento dos problemas urbanos

¹⁴ Como o faz um de seus entrevistadores na década de 1970, questionando suas posições de “juventude” (Goodwin; Hamill & Stave 1976, 336).

do subcontinente, que também participariam do volume. Esse livro rapidamente se transformou no principal marco dos estudos urbanos no continente, buscando explicações alternativas para pensar as cidades latino-americanas –àquela altura já claramente identificadas às características de “inchaço” urbano.¹⁵ E os conceitos que Morse identificara em seu balanço marcavam presença em tais estudos, como por exemplo o de “marginalidade”, central nas análises do próprio Castells e do peruano Aníbal Quijano (1928-2018).¹⁶

Como defendiam tais autores, o conceito se relacionava a não correspondência da urbanização à base produtiva, indicando que a industrialização “dependente” não conseguia absorver a massa de migrantes e revelando o descompasso entre a urbanização e a proletarianização. O efeito era a produção de grupos “marginais” que sem trabalho fixo na cidade teriam que se valer de expedientes e subterfúgios para a sua manutenção, ou seja, transformavam-se em trabalhadores informais, “inchando” o setor de serviços. Mas como esse grupo não era residual numericamente, ele se transformava em um novo polo da estrutura urbana capitalista, ocupando os espaços também “marginais” da estrutura urbana: favelas, *barriadas*, *villas miseria*, *callampas*. O ponto importante é que desses espaços emergiam práticas organizativas –de associações de bairros a movimentos urbanos de luta por terra e moradia– que logo passaram a ser valorizadas por estes intelectuais, justamente pela potencial “autonomia” da “cultura burguesa dominante”.

Morse, atento à complexidade da questão, critica nessas leituras uma certa cegueira economicista, similar àquela dos estudos desenvolvimentistas que elas buscavam rebater, introduzindo outro elemento para a compreensão do urbano, do seu ponto de vista fundamental, ao se tratar do subcontinente latino-americano. É assim que, no auge desses estudos marxistas, o norte-americano retoma a literatura de ficção como chave de entendimento da sociedade, de modo a recuperar a dimensão cultural que a teoria da dependência alijara das análises.

Se, como vimos, em sua obra sobre São Paulo ele pudera formular e testar os rendimentos dessa perspectiva analítica, nas apreciações mais gerais sobre o subcontinente o historiador norte-americano iria retomar os argumentos esboçados em 1957 no artigo “La ciudad artificial” e uma vez mais defender que se revisitasse os literatos e os ensaístas para entender a forma de funcionamento daquele espaço, ou, se quisermos, da sua cultura. *Memórias de um sargento de milícias* (1854), o livro de Manuel Antônio de Almeida, é a obra mobilizada em relação ao Brasil nesse texto de 1971. Um ano antes, Antonio Candido havia se debruçado sobre aquele livro, escrevendo o

¹⁵ Tratava-se de um ciclo de debates sobre a urbanização de cidades que vinha desde os trabalhos pioneiros do sociólogo argentino Gino Germani (1911-1979) sobre Buenos Aires ou do sociólogo peruano José Matos Mar (1921-2015) sobre as *barriadas* limenhas, e que alimentaria urbanistas, planejadores e economistas em seus estudos urbanos e regionais (Almandoz 2005, 234; Gorelik 2008).

¹⁶ O sociólogo peruano buscou reunir referências para uma definição mais precisa do termo em um texto interno às discussões da Cepal (Quijano 1978). O termo passa a ser incorporado em toda a literatura urbana daí em diante.

importante ensaio *Dialética da malandragem* (Candido 1970), no qual Morse (e não apenas ele) viu “reconstruí[da] a lógica de toda uma sociedade” (no caso, a brasileira). Por isso, afirmava que “pod[ia] não ser extravagante sugerir que nos volt[ássemos] de um tempo de categorias sociológicas a fontes literárias”, insistindo no ponto que defendeu a vida toda, afinal, “o hábil olho literário pode fazer ainda mais” (Morse 1971a, 28).¹⁷

Essa mesma perspectiva informou também a atuação de Morse como membro da *The Association of American University Presses* quando, juntamente a outros pesquisadores do *Latin American Translation Program*, definia quem e o que era traduzido para o inglês pelas editoras universitárias naquele país.¹⁸ Ali o historiador defendeu, diante de seus colegas de outras universidades, que os ensaios e a literatura de ficção –mais que os trabalhos científicos dos *scholars* que estudavam aspectos determinados do “problema” latino-americano– eram mais adequados a informar os norte-americanos interessados no subcontinente.¹⁹ Mesmo reconhecendo que uma editora universitária não podia se concentrar em publicar literatura e poesia, Morse buscou fazer com que o Programa ao menos facilitasse a ligação entre as editoras comerciais norte-americanas e o mundo literário latino-americano, indicando títulos, sugerindo nomes, colocando em contato editores e autores, eventualmente pagando traduções de poemas e trechos de prosa que seriam publicados em revistas como *Hudson*, *Partisan* ou *Kenyon*.²⁰

¹⁷ O próprio Candido explica sua intenção crítica com aquele texto numa entrevista dada à Beatriz Sarlo em 1980: “Mi pregunto entonces de donde viene la fuerza de vida que caracteriza al libro. Mi respuesta es que surge de la actuación de ese principio estructural intuido por el autor: el juego entre el orden y el desorden que configura a los personajes, define las acciones y organiza el espacio de la novela. Orden y desorden son datos fundamentales de la sociedad brasileña de entonces y deciden también la estructura del libro: es un principio estructural, ni estético, ni sociológico, sino elemento mediador que hace funcionar a la estructura estética en correspondencia simbólica con la estructura social” (Sarlo 1980, 5-10).

¹⁸ O comitê passava a ser composto em 1965 por August Frugé (1914-2004), da University of California; Richard Morse (de Yale); Harvey Johnson (da Houston University); Albert Hirschmann (1915-2012), de Harvard; e por Kalman Silvert (1921-1976), do Dartmouth College. Ofício de 21/10/1965. Rare & Manuscript Library, Yale University (R&ML, YU), Richard McGee Morse Papers (RMM Papers), Serie II, Box 5, Folder 5.

¹⁹ “The Association of American University Presses, Inc., Latin American Translation Program, Projects Approved, Oct.7, 1960-Feb 26, 1965”, da qual constam 18 editoras e 77 projetos, dos quais até março de 1965 tinham sido publicados 30. (R&ML, YU RMM, Papers, Serie II, Box 5, Folder 2-4). Entre as traduções aprovadas para o período entre 1960 e 1965, em meio aos livros de ciências sociais, economia e história que costumam compor o catálogo das editoras universitárias, constou também uma série de romances e ensaios, como *Esau e Jacó* (1904) e *O alienista* (1882), do brasileiro Machado de Assis (1839-1908); *Radiografía de la pampa* (1933), do argentino Enrique Martínez-Estrada (1895-1964); entre outros títulos de José Martí (1853-1895); Juan Rulfo (1917-1986); Graciliano Ramos (1892-1953); Jorge Luis Borges (1889-1986); Leopoldo Zea (1912-2004); Octavio Paz (1914-1998); Bioy Casares (1914-1999) e Raquel de Queiróz (1910-2003).

²⁰ Cópia da carta de Richard Morse para William Sloane, da Rutgers University Press, 02/03/1965 (R&ML, YU, RMM Papers, Serie II, B.5, F.5). Morse insistia na importância da escolha dos títulos para as gerações futuras, que teriam acesso à cultura latino-americana a partir dali, destacando o cuidado em se definir o que merecia ser traduzido.

A atividade acadêmica de Morse nesse período estendeu-se ainda à construção de fóruns de debates e redes de pesquisa latino-americanos. Junto ao arquiteto argentino Jorge Enrique Hardoy (1926-1993), do *Centro de Estudios Urbanos y Regionales* em Buenos Aires, e ao antropólogo norte-americano Richard Schaedell (1920-2005), da Universidade do Texas, o historiador norte-americano tornou-se um dos principais incentivadores dos simpósios sobre cidades realizados durante os Congressos Internacionais de Americanistas, que tiveram início em 1966 em Mar del Plata (Schaedel, Hardoy & Kinzer 1978).

No Congresso de 1968, por exemplo –cujo simpósio “*The Process of Urbanization in America since the Origins to the Present Time*” foi coordenado por Hardoy, Schaedel e Erwin Palm (1910-1988) (um latino-americanista de Heidelberg)–, Morse dirigiu a sessão “*Nineteenth Century Urbanization*”, enfatizando a discussão dos “padrões social, ecológico e econômico” das cidades.²¹ Para tal empreitada, convidaria a historiadora brasileira Maria Sylvia de Carvalho Franco (1934-);²² David Denslow (1932-), então pós-graduando em Economia em Yale e que se tornou um especialista em economia da América Latina; Ezequiel Gallo (1934-), historiador argentino docente em Oxford; Aníbal Quijano pela Cepal; e o historiador chileno Mario Góngora (1915-1985), para debaterem diferentes aspectos da “cidade latino-americana do século 19”.²³ No mesmo ano, é interlocutor de Richard Sennett (1943-) na preparação de outro congresso sobre as cidades, a “*Yale Conference on the Nineteenth-Century Industrial City*”, cuja publicação resultante (Therstrom & Sennett 1969) é considerada um marco na renovação dos estudos históricos urbanos.²⁴

Por fim, mas não menos importante, deve-se lembrar que Richard Morse editou naqueles anos inúmeras obras que concorreram para a compreensão da história das cidades na América Latina. Entre elas, destacam-se *La investigación urbana latinoamericana: tendencias y planteos* (Morse 1971a) –reunindo ensaios seus publicados anteriormente em inglês; *The Urban Development of Latin America 1750-1920* (Morse 1971b)– com os resultados de um seminário conduzido por Morse na Universidade de

²¹ Cópia da carta de Richard Morse para Ezequiel Gallo, 26/06/1968, na qual apresenta os objetivos da mesa (R&ML, YU, RMM Papers, Serie II, B.6, F.30).

²² Quem, dois anos depois, assinaria a orelha da reedição da obra de Morse sobre São Paulo.

²³ Sessão 3 do XXXVIII Congresso de Americanistas em Stuttgart, cf. “Tentative Program, Aug. 11-18, 1968”, entre outros documentos (R&ML, YU, RMM Papers, Serie II, B.6, F.30). No acervo de Morse há toda a troca de correspondência entre os convidados para a mesa coordenada por ele, e todos os preparativos até a realização do Congresso, bem como o folder do Programa final.

²⁴ Carta de Richard Sennett para Richard Morse, 6/8/1968, anunciando o interesse em se pensar um seminário sobre “a estrutura social das cidades do século 19”, planejado para o período entre 20/11 e 1/12 daquele ano, notando que crescera “consideravelmente” nos últimos anos o “número de historiadores e sociólogos interessados” no tema, não havendo ainda fóruns para tal debate. Sennett propunha um seminário pequeno e informal, com 20 a 30 participantes, no qual todos pudessem ler o trabalho de todos, extraindo ideias e perspectivas para seu próprio trabalho. Cf. R&ML, YU, RMM Papers, Serie II, B.6, F.17.

Stanford, na Califórnia, no mesmo ano;²⁵ *Las ciudades latino-americanas* (Morse 1973) –nova tentativa de generalizar suas conclusões sobre o processo urbano latino-americano;²⁶ *Ensayos histórico-sociales sobre la urbanización en América Latina* (Hardoy, Morse e Schaedel 1978), reunindo os trabalhos do VI Simpósio sobre o processo de urbanização no subcontinente realizado no XLII Congresso Internacional de Americanistas em 1976 (dessa vez, em Paris), e no qual Morse apresentara o texto “Los intelectuales latinoamericanos y la ciudad (1860-1940)”. Tais obras demonstram seu papel como animador das discussões, colocando pesquisadores em contato, divulgando seus trabalhos e contribuindo de modo definitivo para a consolidação dos estudos urbanos no subcontinente.

CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA

Por todas essas ações pode-se afirmar que Morse não apenas revisava um debate em curso, mas foi um nome fundamental para a própria afirmação do campo dos estudos urbanos latino-americanos. Tomando inicialmente São Paulo como objeto de uma pesquisa iniciada ainda na década de 1940, Richard Morse passaria a pensar a América Latina com pressupostos analíticos ensaiados desde um caso estudado em profundidade. A pesquisa de doutorado foi, nesse sentido, fundamental para transformar aquele interesse difuso pela cultura latino-americana, que se iniciara ainda na sua graduação, em um produtivo campo de trabalho, não apenas para si mas para uma nova leva de pesquisadores, arquitetos, urbanistas, historiadores e cientistas sociais que, nas décadas seguintes, iriam se preocupar cada vez mais com as cidades e seus problemas. Mas o que se deve destacar é que a perspectiva ali ensaiada, que pensava a cidade a partir da cultura urbana, e da literatura em especial, tornou-se uma chave analítica em todos seus trabalhos posteriores.

Escritos durante um momento em que a cidade se tornava o grande objeto de estudos na América Latina, inicialmente vista como polo modernizador do subcontinente e, logo adiante, como causa de seus males, em seus textos de maturidade, Richard Morse nunca se contentou com nenhuma dessas visões. Debateu inicialmente com aqueles que acreditavam ser necessário deixar para trás qualquer eco da cultura ibérica e católica, vista como fator de atraso e entrave ao desenvolvimento, e com aqueles que viam esse caminho como inexorável, levando ao desaparecimento de qualquer tradição anterior. Ao mesmo tempo, criticou os que recusavam esse caminho de modernização, vendo-o como motivo de condenação a um lugar subalterno, preferindo muitas vezes

²⁵ Editado em parceria com Michael Conniff (1942-) e John Wibel, publicava os resultados do seminário: estudos de caso da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, México, Peru e Venezuela, um texto de abertura de Morse: “Latin American cities in the 19th century: approaches and tentative generalizations” e uma conclusão de Willian Paul McGreevey (1938-): “A statistical analysis of primacy and lognormality in the size distribution of Latin American Cities, 1750-1960”.

²⁶ Publicado em dois volumes: I- Antecedentes (sobre a história colonial) e II- Desarrollo histórico.

apostar na precariedade. Para esse intelectual “intranquilo”,²⁷ o estudo da cultura urbana do subcontinente podia fornecer chaves de compreensão que não seriam possíveis de se obter apenas com o recurso aos trabalhos dos cientistas sociais e historiadores, levando-o a compreender a América Latina como um território moderno, porém criador de uma *outra* modernidade –jamais um desvio.

Por isso, a necessidade da estratégia de análise do presente com o recurso ao passado colonial –visto como “antecedente”– algo que também fora mobilizado em seu trabalho sobre a cidade de São Paulo. Como dito acima, quando da edição da tese em inglês, em 1958, Morse escreve um capítulo inicial para apresentar ao público norte-americano certas premissas necessárias, do seu ponto de vista, para a compreensão daquela história urbana recente –mostrando desde a velha Europa medieval o ponto em que dois caminhos “modernos” se formaram. Com isso, organiza seu pensamento sobre a história ocidental, retomando a história da empresa colonial em variados artigos– e, muitas vezes, sob a mesma rubrica: “antecedentes” –para defendê-la como parte constitutiva dessa *outra* modernidade. Nesse caminho de análise, Morse defendeu ser a literatura a principal matéria para o conhecimento da cultura urbana– porque ela era capaz de traduzir o próprio *ethos* de um modo que nenhum estudo científico seria capaz.

Por isso, menos que se valer de estudos que explicavam o caminho da urbanização ocidental como um duplo da própria modernização, entendida como a progressiva secularização da vida, Morse defendeu a existência desse caminho paralelo. Foi após defender sua tese de doutorado sobre a história urbana da cidade de São Paulo e perceber certas particularidades na forma de seu desenvolvimento que ele passou a olhar para “as cidades”, e não mais para uma cidade em particular, buscando compreender por meio da urbanização do subcontinente e da sua história a própria cultura latino-americana, ou a “civilização” latino-americana, num caminho que talvez o levou a escrever uma obra como *O espelho de próspero*, já na década de 1980 (Morse [1986] 1988).²⁸ Mas essa é outra história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almandoz, Arturo. 2005. “Mudanças políticas e institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra”, tradução de José Hupaya Espinoza. Em *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo*, organizado por Marco Aurélio Filgueira Gomes, 231-59. Salvador: Ed UFBA.
- Almeida, Paulo Roberto de. 2002. “Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos”. Em *O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados*

²⁷ A expressão é usada como título de um volume de homenagem aos 70 anos de Morse: *Um americano intranquilo* (Bomeny 1992).

²⁸ Publicado em espanhol em 1982, é republicado em português em 1988. Nunca seria publicado na íntegra em inglês.

- Unidos, 1945-2000*, organizado por Rubens Barbosa, Marshall Eakin & Paulo Almeida, 31-56. São Paulo: Paz e Terra.
- Ballent, Anahi. 2004. "Learning from Lima. Previ, Peru: habitat popular, vivienda masiva y debate arquitectónico". *Block: Revista de cultura de la arquitectura, la ciudad y el territorio*, nº 6: 86-95.
- Basadre, Jorge. 1929. *La multitud, la ciudad y el campo en la historia del Perú*. Lima: Imprenta A. J. Rivas Berrio.
- Bethell, Leslie. 2010. "Richard Morse e a Cambridge History of Latin America". Em *O código Morse. Ensaio sobre Richard Morse*, organizado por Beatriz Helena Domingues & Peter Blasenheim, 47-68. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Bresser-Pereira, Luís Carlos. 2010. "As três interpretações da dependência". *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais* 38: 17-48.
- Bielshowsky, Ricardo. 1995. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo econômico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Bomeny, Helena, org. 1992. *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Candido, Antonio. 1970. "Dialética da Malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP*, Nº 8: 67-89 (Republicado em 1993. *O Discurso e a cidade*, 19-53. São Paulo: Duas Cidades).
- Castells, Manuel. 1972. *Question urbaine*. Paris: Maspero.
- ed. 1973. *Imperialismo y urbanización en América Latina*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Castro, Ana Claudia Veiga de. 2013a. "Um historiador entre duas cidades: Richard Morse, de Nova York a São Paulo". Em *La metrópolis iberoamericana en sus propios términos*, editado por Roman Caracciolo *et al.*, 181-203. Barcelona: riURB Editores.
- 2013b. "Um americano na metrópole [latino-americana]: Richard Morse e a história cultural urbana de São Paulo, 1947-1970". Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. DOI: 10.11606/T.16.2013.tde-06082013-142628.
- 2017. *A formação da metrópole paulista: um diálogo entre Richard Morse e Antonio Candido*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP*, nº 66: 221-238. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i66p221-238>.
- Gorelik, Adrián. 2002. "La ciudad latinoamericana como idea". *Punto de Vista*, nº 73: 41-8.
- 2005. "A produção da 'cidade latino-americana'". *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP* 17, nº 1: 111-133. DOI: 10.1590/S0103-20702005000100005.
- 2008. "La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico". *Revista del Museo de Antropología de Universidad Nacional de Córdoba* 1, nº 1: 73-96. DOI: <https://doi.org/10.31048/1852.4826.v1.n0.5398>.
- Goodwin, Paul, Hugh Hamill & Bruce Stave. 1976. "A Conversation with Richard M. Morse". *Journal of Urban History* 2, nº 3: 331-56.
- Hardoy, Jorge Enrique, Richard Morse & Richard P. Schaedel. 1978. *Ensayos histórico-sociales sobre la urbanización en América Latina*. Buenos Aires: Ediciones SIAP.
- Jajamovich, Guillermo. 2015. "Entre la planificación urbana y las ciencias sociales: La Comisión de Desarrollo Urbano y Regional de CLACSO (1967-1973)". *Revista de Estudios Sociales Contemporáneos* 8, nº 12: 162-177.
- Krauze, Enrique. 2014. *El pueblo soy yo*. Ciudad de México: Debate.
- Lewis, Oscar. 1952. "Urbanization without Breakdown: A Case Study". *The Scientific Monthly* 75, nº 1: 31-41.
- Maier, Joseph & Richard W. Weatherhead. 1974. *Frank Tannenbaum. A Biographical Essay*. New York: University Seminars, Columbia University.

- Monti, Alejandra. 2017. "Geografías formativas de la planificación (1950-1970)". *Anales del IAA* 46, n° 2: 147-160.
- Morse, Richard. 1949. "O pesquisador social e o historiador moderno". *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* CXXIII, n° 113: 36-52.
- 1952. "São Paulo: City under the Empire (1822-1889)". Phd thesis, Columbia University, New York.
- 1954a. "São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation". *The Hispanic American Historical Review* 34, n° 4: 419-444.
- 1954b. *De comunidade a metrópole. Biografia de São Paulo*. Traduzido por Maria Aparecida Madeira Keberg. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Serviço de Comemorações Culturais.
- 1957. "La ciudad artificial". *Estudios Americanos* 12, n° 67-68: 284-293.
- 1958. *From community to metropolis: a biography of São Paulo*. Gainesville: University of Florida Press.
- 1962a. "Latin American Cities: Aspects of Function and Structure". *Comparative Studies in Society and History* 4, n° 4: 473-493.
- 1962b. "Some Characteristics of Latin American Urban History". *The American Historical Review* 67, n° 2: 317-338.
- 1964. "The Heritage of Latin America". Em *The Founding of New Societies*, editado por Louis Hartz, 123-77. New York: Houghton Mifflin Harcourt.
- 1965. "Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary". *Latin American Research Review* 1, n° 1: 35-74.
- 1970. *Formação histórica de São Paulo, de comunidade a metrópole*. Traduções complementares Antonio Candido. Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: Difel.
- 1971a. "Trends and Issues in Latin American Urban Research, 1965-1970 (Part I)". *Latin American Research Review* 6, n° 1: 3-52.
- 1971b. "Trends and Issues in Latin American Urban Research, 1965-1970 (Part II)". *Latin American Research Review* 6, n° 2: 19-75.
- 1971c. *La investigación urbana latino-americana: tendencias y planteos*. Tradução de Elizabeth Balan e Jorge Ramoni. Buenos Aires: Siap.
- 1971d. *The Urban Development of Latin America 1750-1920*, editado por Richard Morse, Michael Conniff e John Wibel. Stanford: Center for Latin American Studies-Stanford University.
- 1982. *El Espejo de Próspero: Un estudio de la dialéctica del Nuevo Mundo*. Traducción de Stella Mastrangelo. Ciudad de México: Siglo XXI.
- 1988. *O Espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras).
- 1990. "Depoimento". Em *A Colônia brasilianista*, organizado por José Carlos Sebe Bom Mehy, 137-61. São Paulo: Nova Stella.
- 2011. "O multiverso da identidade latinoamericana, c. 1920-c. 1970". Em *História da América Latina VIII. A América Latina após 1930: ideias, cultura e sociedade*, organizado por Leslie Bethell, 19-158. São Paulo: Edusp.
- 2017. "Algumas características da história urbana latino-americana". Em *Cidades e cultura política nas Américas*, organizado por Beatriz Helena Domingues, 107-136. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Mumford, Lewis. 1938. *The culture of the cities*. New York: Harcourt, Brace and co.
- Pirenne, Henri. 1927. *Les villes au Moyen Age*. Bruxelles: Lamertin.

- Quijano, Aníbal. 1978. “Notas sobre o conceito de marginalidade social” [1966]. Em *Populações “marginais”*, organizado por Luiz Pereira, 14-48. São Paulo: Duas Cidades.
- Redfield, Robert. 1941. *The Folk Culture of Yucatan*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Sambrićo, Carlos. 2012. “Ciudad y vivienda en la América Latina. 1930-1960”. Em *Ciudad y vivienda en la América Latina. 1930-1960*, 11-41. Madrid: Lampreave.
- Sarlo, Beatriz. 1980. “Para una crítica latinoamericana”. Entrevista a Antonio Candido, pp. 5-9 *Punto de Vista* 3, n° 8: 5-9.
- Schaedel, Richard, Jorge Enrique HARDOY & Nora Scott KINZER. 1978. *Urbanization in the Americas from its Beginnings to the Present*. Den Haag/Paris: Mouton Publishers.
- Therstrom, Stephan & Richard Sennett, eds. 1969. *Nineteenth-Century Cities: Essays in the new Urban History*. New Haven/London: Yale University Press.
- Rock, David. 1994. “War and postwar intersections: Latin America and United States”. Em *Latin America in the forties. War and Post War Transitions*, 15-40. Berkeley: University of California Press.

Recebido: 21.09.2018

Versão final: 31.01.2020

Aprovado: 28.02.2020